

O que passa pela cabeça e pelo corpo de um homem habituado a triunfar, quando numa tarde de setembro lhe confirmam o pior dos seus temores?

Nem um gesto fora do normal nem uma grosseria. Apenas um estremecimento, fugaz e impercetível, lhe percorreu a espinha, subiu-lhe às fontes e desceu-lhe às unhas dos pés. No entanto, nada pareceu mudar na sua postura ao constatar o que já previa. Impávido, assim permaneceu. Com uma mão apoiada sobre a noqueira robusta da secretária e as pupilas cravadas nas portadoras da notícia: nos rostos demarcados pelo cansaço, nas vestimentas de luto desolador.

– Terminem o vosso chocolate, minhas senhoras. Lamento ter-vos causado este contratempo, agradeço a consideração de me virem informar pessoalmente.

Como se fosse uma ordem, as americanas acataram o conselho quando o intérprete lhes traduziu as palavras uma a uma. A delegação do seu país facultara-lhes aquele intermediário, uma ponte para que as duas mulheres cheias de cansaço, más notícias e ignorância da língua conseguissem entender e cumprir o objetivo da sua viagem.

Ambas levaram as chávenas à boca sem vontade nem gosto. Em contrapartida, não tocaram nas bolachas das freiras de San Bernardo, e ele não insistiu. Enquanto as mulheres sorriam o líquido espesso com mal dissimulado desconforto, instalou-se na sala, como um réptil, um silêncio que não era silêncio de todo: rastejando pelo chão de soalho envernizado e pelo papel que cobria paredes, deslizando sobre os móveis de fabrico europeu e por entre os quadros de paisagens e naturezas mortas.

O intérprete, um jovem imberbe de vinte e poucos anos, permanecia desconcertado, com as mãos suadas entrelaçadas à altura das partes íntimas, pensando para consigo que diabo fazia ali. Entretanto, no ar pairavam milhares de sons. Do pátio, vinha a azáfama dos criados que regavam os ladrilhos com água de louro. Da rua, através das grelhas de ferro forjado, chegava o repique de cascos de mulas e cavalos, os lamentos dos mendigos suplicando uma esmola e o grito do vendedor da esquina que apregoava, insistente, a sua mercadoria. Empadas deliciosas, tortilhas de requieijão, <sup>1</sup>ate<sup>1</sup> de goiaba, doces de milho.

As senhoras passaram os guardanapos de pano recém-engomado pelos lábios – bateram as cinco e meia. E depois não souberam o que fazer.

---

<sup>1</sup> Doce de frutas típico do México. (N. do T.)

O dono da casa quebrou então a tensão:

– Permitam-me que vos ofereça a minha hospitalidade para passarem a noite antes de empreenderem a viagem de regresso.

– Muito obrigada, senhor – responderam quase em uníssono. – Mas já temos um quarto reservado numa pensão que nos recomendaram na embaixada.

– Santos!

Apesar de não serem as destinatárias do rouco vozeirão, ambas estremeeceram.

– O Laureano que acompanhe estas senhoras e vá buscar as suas bagagens, e depois que as leve ao hotel de Iturbide. Ponham a despesa na minha conta. E depois vais à procura do Andrade, arranca-lo do jogo de dominó e dizes-lhe que venha imediatamente.

O criado de pele de bronze recebeu as instruções com um simples às suas ordens, patrão. Como se do outro lado da porta, com o ouvido colado à madeira, não se tivesse inteirado de que o destino de Mauro Larrea, o até então abastado mineiro de prata, acabara de se alterar drasticamente.

As mulheres levantaram-se dos cadeirões e as saias rangeram como as asas de um corvo sinistro ao aninhar-se. Foram as primeiras a abandonar a sala, atrás do criado, e a sair para a fresca galeria. A que dissera ser a irmã avançou à frente. A que dissera ser a viúva, a seguir. Para trás deixaram as folhas de papel que haviam trazido: as que ratificavam, preto no branco, a veracidade de uma premonição. Por último, dispôs-se a sair o intérprete, mas o dono da casa travou-lhe a vontade. A sua mão grande e enrugada, áspera, ainda forte, pousou sobre o peito do americano com a firmeza de quem sabe mandar e sabe que lhe vão obedecer.

– Um momento, jovem, se faz favor.

Mal teve tempo de engolir em seco.

– Disse que se chama Samuelson, não é verdade?

– É verdade, sim, senhor.

– Muito bem, Samuelson – disse, baixando a voz. – Não é preciso dizer-lhe que esta conversa foi absolutamente privada. Uma palavra sobre ela a alguém, e encarrego-me de que o deportem na próxima semana e que o chamem para a tropa no seu país. De onde é, amigo?

O intérprete tentou engolir de novo, mas sentiu a garganta seca como o teto de uma palhota.

– De Hartford, Connecticut, Sr. Larrea.

– Melhor ainda. Assim poderá contribuir para que os ianques ganhem a guerra à confederação de uma vez por todas.

Quando calculou que já tivessem chegado ao saguão, ergueu com os dedos

o cortinado de uma das varandas e observou as cunhadas a saírem da casa e subirem para a sua própria berlinda. O cocheiro Laureano fustigou as éguas e estas começaram a andar, briosas, evitando transeuntes respeitáveis, criaturas esfarrapadas sem sapatos nem sandálias e dezenas de índios envoltos em ponchos, que proclamavam numa caótica torrente de vozes a venda de sebo e tapetes de Puebla, chacina, abacates, nevados de sabores e figuras de cera do Menino Deus. Logo que verificou que a carruagem virava para a *calle* de las Damas, voltou para dentro. Sabia que Elías Andrade, o seu procurador, demoraria pelo menos uma hora a chegar. E não teve dúvidas quanto ao que fazer durante a espera.

Blindado face a qualquer olhar estranho, no percurso de uma divisão para outra, Mauro Larrea foi despindo o casaco com fúria. Desatou a gravata aos esticões, desabotoou os botões de punho e arregaçou as mangas da camisa de cambraia acima dos cotovelos. Quando chegou ao seu destino, com os braços nus e o colarinho aberto, aspirou uma imensa lufada de ar e fez por fim girar o móvel com forma de roleta que sustinha os tacos em posição vertical.

Santa Mãe de Deus, murmurou.

Nada fazia prever que escolheria o que acabou por escolher. Possuía outros mais novos, mais sofisticados e valiosos, acumulados ao longo dos anos como mostras tangíveis do seu crescente auge. Mais certos para a tacada, mais equilibrados. No entanto, naquela tarde que destróçou a sua vida e cuja luz se foi apagando enquanto os criados acendiam candeeiros e candeias pelos recantos da sua grande casa, enquanto as ruas continuavam transbordantes de pulsação e o país se mantinha obcecadamente ingovernável em contendas que pareciam não ter fim, recusou o previsível. Sem nenhuma lógica aparente, sem nenhuma razão, escolheu o taco velho e tosco que o ligava ao passado e dispôs-se a bater-se raivoso com os seus próprios demónios em frente da mesa de bilhar.

Os minutos passaram enquanto executava tacadas com implacável eficácia. Uma atrás de outra, de outra, acompanhado apenas pelo ruído das bolas a baterem contra as tabelas e o som seco do choque do marfim. Controlando, calculando, decidindo como sempre. Ou como quase sempre. Até que surgiu uma voz vinda da porta, nas suas costas:

– Não me augura nada de bom ver-te com esse taco nas mãos.

Proseguiu o jogo como se nada tivesse ouvido: ora rodando o pulso para rematar uma tacada certa, ora formando um sólido anel com os dedos pela enésima vez, deixando visível na mão esquerda os dedos esmagados nas pontas e aquela cicatriz escura que subia desde a junção do polegar. Ferimentos

de guerra, costumava dizer, irónico. As sequelas da sua passagem pelo ventre da terra.

Mas claro que ouvira a voz do seu procurador. A voz bem modulada daquele homem de elegância requintadamente antiquada, que, por trás do crânio liso como uma bola de bilhar, escondia um cérebro vibrante e eloquente. Chamava-se Elías Andrade e, além de zelar pelas suas finanças e interesses, era também o seu amigo mais chegado, o irmão mais velho que nunca tivera, a voz da sua consciência quando a voragem dos dias convulsos lhe restringia a serenidade necessária para discernir.

Inclinando-se, elástico, sobre o pano, Mauro Larrea bateu a última bola em cheio e deu por terminada a solitária partida. Arrumou então o taco no móvel e, sem pressa, virou-se para o recém-chegado.

Olharam-se frente a frente, como tantas outras vezes. Para o bem e para o mal, sempre fora assim. Na cara. Sem subterfúgios.

– Estou arruinado, compadre.

O seu homem de confiança, alto, calvo e distinto, fechou os olhos com força, mas não replicou. Tirou simplesmente o lenço do bolso e passou-o pela testa. Começara a suar.

À espera de uma resposta, o mineiro levantou a tampa de uma caixa de tabaco e tirou um par de charutos. Acenderam-nos com um braseiro de prata, e o ar encheu-se de fumo; só então o procurador reagiu face à tremenda notícia que acabava de lhe chegar aos ouvidos.

– Adeus à Las Tres Lunas.

– Adeus a tudo. Foi tudo de vez para o caneco.

Apesar da sua origem espanhola, por aquela altura da sua vida Mauro Larrea era mais mexicano que o Castelo de Chapultepec. Haviam decorrido duas décadas e meia desde que chegara à velha Nova Espanha, convertida já numa jovem república, após um longo e doloroso processo de independência. Arrastava, nessa altura, um golpe no coração, duas responsabilidades irrevogáveis e a imperiosa necessidade de sobreviver. Nada fazia prever que o seu caminho se cruzasse com o de Elías Andrade, último elo de uma ancestral saga crioula, tão nobre como empobrecida desde o ocaso da colónia. Mas, como tantas outras coisas em que os ventos do acaso intervinham, os dois homens acabaram por coincidir na infame cantina de um acampamento mineiro em Real Catorce, quando os negócios de Larrea – uma dúzia de anos mais novo – começavam a levantar voo e os sonhos de Andrade – outros tantos anos mais velho – haviam caído nas profundezas. E apesar dos milhares de altos e baixos que ambos contornaram, apesar dos descabros e dos triunfos, das alegrias e dos dissabores que a fortuna acabou por lhes colocar pela frente, não mais voltaram a separar-se.

– O gringo tramou-te?

– Pior. Morreu.

O sobrolho levantado de Andrade demarcou um sinal de interrogação.

– Foi liquidado pelos sulistas na Batalha de Manassas. A mulher e a irmã vieram de Filadélfia para mo comunicarem. Foi essa a sua última vontade.

– E a maquinaria?

– Requisitaram-na antes, os sócios dele, para as minas de carvão do interior da Virgínia.

– Estava toda paga...

– Até ao último parafuso, não tivemos outra hipótese. Mas nem uma única peça chegou a embarcar.

O procurador chegou-se à varanda sem pronunciar palavra e abriu as janelas de par em par, talvez com o crédulo desejo de que um sopro de ar espantasse o que acabara de ouvir. No entanto, da rua, subiram apenas as vozes e os ruídos de sempre: o frenesi imparável da que até havia poucas décadas fora a maior metrópole das Américas. A mais rica, a mais poderosa, a velha Tenochtitlán.

– Avisei-te – resmungou, com o olhar distraído no tumulto da rua, sem se voltar.

A única reação de Mauro Larrea foi uma intensa chupadela no charuto.

– Disse-te que voltar a explorar essa mina era algo demasiado temerário: que não optasses por essa concessão diabólica, que não investisses tamanha barbaridade de dinheiro em máquinas estrangeiras, que procurasses acionistas para partilhar o risco... Que tirasses esse maldito disparate da cabeça.

Ouviu-se um petardo perto da catedral; depois, a zaragata entre dois cocheiros e o relincho de um animal. Exalou o fumo, sem replicar.

– Repeti-te um cento de vezes que não havia necessidade de apostar tão alto – insistiu Andrade num tom cada vez mais áspero. – E, mesmo assim, contra o meu conselho e contra o mais elementar bom senso, empenhaste-te em arriscar até a roupa que trazias vestida. Hipotecaste a fazenda de Tacubaya, vendeste as da comarca de Coyoacán, os ranchos de San Antonio Coapa, os armazéns da *calle* Sepulcro, as hortas de Chapingo, os currais junto à igreja de Santa Catarina Mártir...

Recitou o inventário de propriedades como se cuspsse bÍlis; depois, chegou a vez do resto.

– Desfizeste-te, além disso, de todas as tuas ações, dos bÓnus contra a dívida pública, dos títulos de crédito e de participação. E, não satisfeito por arriscar tudo o que era teu, endividaste-te até aos cabelos. Agora não sei como pensas fazer frente ao que nos vai cair em cima.

Por fim, o outro interrompeu-o:

– Ainda nos resta qualquer coisa.

Abriu as mãos como se quisesse abarcar a sala em que estavam. E, perante esse gesto, por extensão, atravessou muros e tetos, pátios, escadas e telhados.

– Nem penses nisso! – berrou Andrade, envolvendo o crânio com os dez dedos das duas mãos.

– Precisamos de capital para pagar as dívidas inadiáveis, primeiro, e para começar a movimentar-me, depois.

Se tivesse visto um fantasma, a cara do procurador não teria mostrado mais pavor.

– Movimentares-te para onde?

– Ainda não sei, o que sei é que tenho de me ir embora. Não me resta outra hipótese, companheiro. Aqui estou queimado; não haverá maneira de recomeçar.

– Espera. Espera pelo que mais queres. Antes, temos de avaliar tudo, talvez possamos disfarçar durante algum tempo enquanto vou apagando fogos e negociando com os credores.

– Sabes tão bem como eu que assim não vamos a lado nenhum. Que, no fim das tuas contas e dos teus balanços, só vais encontrar desolação.

– Tem calma, Mauro, modera-te. Não te precipites e, sobretudo, não comprometas esta casa. É a última coisa que te resta intacta e a única coisa que talvez possa servir para que tudo pareça o que não é.

Referia-se à imponente mansão colonial da *calle* de San Felipe Neri: o velho palácio barroco comprado aos descendentes do conde de Regla. Aquele que fora o maior mineiro do vice-reinado: a propriedade que o posicionava socialmente nas coordenadas mais desejáveis da fachada urbana. Foi a única coisa que não pôs em jogo a fim de conseguir a monstruosa quantia de dinheiro vivo de que necessitava para reativar a mina Las Três Lunas; a única coisa que restava intacta do património que erguera ao longo dos anos. Para além do mero valor material, os dois sabiam o muito que significava aquela residência: um ponto de apoio sobre o qual manter – ainda que precariamente escorada – a sua respeitabilidade pública. Mantê-la livrá-lo-ia do escárnio e da humilhação. Perdê-la implicava convertê-lo num fracasso aos olhos de toda a capital.

Voltou a instalar-se uma densa quietude entre os dois homens. Os amigos outrora bafejados pela sorte, triunfadores, admirados, respeitados e atraentes, olhavam-se agora como dois náufragos no meio de uma tempestade, arrastados sem aviso para as águas geladas por um traiçoeiro golpe de mar.

– Foste um labrego insensato – reiterou por fim Andrade, como se, ao repetir uma vez e outra os seus pensamentos, conseguisse atenuar a monstruosidade do impacto.

– Acusaste-me do mesmo quando te contei como comecei com La Elvira. E quando me meti em La Santa Clara. E quando foi de La Abundancia e de La Prosperidad. E em todas essas minas acabei por chegar a bom termo e tirei prata às toneladas e...

– Mas nessa altura ainda não tinhas trinta anos, eras um puro selvagem perdido no fim do mundo e podias arriscar-te, parvalhão! Agora, que estás quase nos cinquenta, achas que vais ser capaz de começar outra vez de baixo?

O mineiro deixou o seu procurador desabafar aos gritos.

– Propuseram-te entrar em consórcios e alianças com as maiores empresas do país! Tentaram-te os liberais e os conservadores, poderias ter sido ministro com qualquer deles assim que mostrasses o mínimo interesse! Não há salão que não queira contar contigo como convidado, e sentaste à tua mesa o que havia de mais ilustre da nação. E, agora, mandas tudo por água abaixo com a tua teimosia. Tens uma reputação quase a ir pelos ares, um filho que, sem o teu dinheiro, não passa de um desatinado e uma filha com uma posição que estás a ponto de desonrar!

Quando acabou de desabafar, retorceu o charuto ainda meio por fumar num cinzeiro de vidro e dirigiu-se à porta. A silhueta de Santos Huesos, o criado indígena, perfilava-se nesse momento sob o lintel: trazia dois copos facetados, uma garrafa de brandy catalão e outra de whisky de Luisiana de contrabando.

Nem sequer deixou que os colocasse em cima da mesa. Cortando-lhe a passagem, Andrade serviu-se de um copo com brusquidão. Bebeu-o de um trago e limpou a boca com as costas da mão.

– Deixa-me rever as contas esta noite, para ver se podemos salvar alguma coisa. Mas desfazeres-te da casa, por mais que o queiras, esquece. É a única coisa que te resta se quiseres que alguém volte a confiar em ti nesta cidade. A tua defesa. O teu escudo protetor.

Mauro Larrea fingiu que o escutava, assentiu mesmo com o queixo, mas, por essa altura, a sua mente avançava noutra direção radicalmente diferente. Sabia que tinha de começar de novo.

E, para isso, precisava de dinheiro vivo e de poder pensar.

Não encontrou espaço no estômago para jantar depois de Andrade se ter ido embora a praguejar por entre os arcos da esplêndida galeria. Em troca, optou por meter-se num banho, para refletir sem a voz do seu procurador a dar-lhe facadas na consciência.

Imerso na banheira, a primeira imagem que lhe veio à mente foi a de Mariana. Seria ela a única a saber, da sua boca, o que se passara, como sempre. Apesar de levarem já vidas separadas, o contacto entre ambos era constante. Continuavam a encontrar-se praticamente todos os dias e não era raro darem um passeio, juntos, por Bucareli ou ela passar pela sua antiga residência. E para o pessoal, para mais no seu novo estado, cada vez que atravessava o saguão era uma festa, diziam-lhe como estava bonita, insistiam para que ficasse mais um bocadinho e traziam-lhe merengues, pão de ovo e doces de caramelo.

Outra coisa haveria de ser Nicolás, o pior dos seus tormentos. Para sorte de todos, a hecatombe ia apanhá-lo na Europa. Em França, nas minas do Nord-Pas de Calais, para onde o mandara debaixo da asa de um velho amigo, a fim de o arredar temporariamente do México. Estranha mistura de sangue, anjo e demónio, engenhoso e irrefletido, impetuoso, imprevisível em todos os seus atos. A sua boa estrela e a sombra protetora do pai haviam-no acompanhado sempre, desde que começara a esticar a corda mais do que a conta. Aos dezanove anos, tivera uma paixão arrebatadora pela mulher de um deputado da República. Meses depois, uma monumental orgia em que acabaram por destroçar completamente o chão de uma sala. Quando o filho fez vinte anos, Mauro Larrea já perdera a conta aos descatos de que tivera de o livrar. Não obstante, por sorte, já tinha combinado um casamento promissor com a filha de uma família mais que abastada. E, para acabar de se formar, entrar nos negócios paternos e ao mesmo tempo evitar que continuasse a cometer tro-pelias antes do casamento, conseguiu convencê-lo a passar um ano do outro lado do mar. A partir de agora, no entanto, tudo seria diferente; por isso, teria de ponderar cada movimento com a máxima cautela. No escalão das maiores preocupações de Mauro Larrea face à iminente ruína, Nicolás ocupava sem dúvida o lugar de honra.

Fechou os olhos e tentou esvaziar, pelo menos momentaneamente, o cérebro de problemas. Abstrair-se do gringo morto, da maquinaria que nunca chegaria ao seu destino, do monstruoso fracasso da mais ambiciosa das suas empresas, do futuro do filho e do abismo que se abria diante dos seus próprios pés. O que precisava agora imperiosamente era de se mexer, de avançar. E colocadas as suas hipóteses, de trás para a frente e da frente para trás,

sabia que só havia uma saída segura. Pensa bem nisso, artista, disse para consigo. Não tens outra opção por muito que te custe, replicou-lhe a sua segunda voz. Nada podes fazer dentro da capital sem que se saiba. Sair dela é a única solução. Assim, decide-te de uma vez por todas.

Como tantos homens feitos à base de luta sem tréguas, Mauro Larrea desenvolveu uma espantosa facilidade para fugir sempre para a frente. Os poços de prata de Guanajuato, nos seus primeiros anos na América, forjaram-lhe o carácter: onze horas diárias nas entranhas da terra, lutando contra as rochas com a broca e o maço à luz de archotes, vestido apenas com uns míseros calções de couro e uma tira de tecido encardido a atravessar-lhe a testa a fim de proteger os olhos da mistura infecta de surro, suor e pó. Onze horas diárias e seis dias por semana a moer pedra bruta entre as trevas do inferno acabaram por lhe determinar um temperamento de que nunca se libertara.

Talvez por isso a inquietação não tinha lugar na sua pessoa, nem sequer dentro daquela esplêndida banheira de esmalte belga que, aquando da sua chegada ao México, fora um sonho ao qual nunca se permitiria aspirar. Por essa altura, naqueles primeiros tempos, lavava-se sob uma figueira em meia barrica de água da chuva e, à falta de sabão, arrancava o surro com um esfregão. Para se limpar, tinha a sua própria camisa e os raios do sol; para se barbear, o ar cortante. E, como grande luxo, um tosco pente de madeira e a pomada de erva-cidreira que comprava aos quartilhos nos dias de pagamento e com a qual conseguia manter razoavelmente em ordem a espessura de um cabelo indómito, que nessa altura tinha a cor das castanhas. Anos atrozes, aqueles. Até que a mina lhe mordeu a carne e decidiu que chegara o momento de mudar de lugar.

Agora, por sorte, a única maneira de evitar o desmoronamento era voltar ao passado. Apesar dos sensatos conselhos do seu procurador, se queria que nada transcendesse nos circuitos em que costumava movimentar-se, se queria fugir para a frente antes que toda a gente soubesse e já não houvesse maneira de se levantar, só lhe restava um recurso. O mais ingrato. Aquele que, apesar dos anos e dos avatares, o obrigava a regressar a trilhos obscuros povoados de sombras.

Abriu os olhos. A água estava a ficar fria e a sua alma também. As gotas escorriam-lhe pela pele nua até ao mármore do chão. Como se o seu organismo quisesse render um tributo aos titânicos esforços do passado, a passagem do tempo não o castigara demasiado. Aos quarenta e sete anos, à parte uma boa porção de marcas de feridas, da notória cicatriz da mão esquerda e do par de dedos esmagados, conservava musculosos os braços e as pernas, o abdómen liso e os mesmos ombros fortes que nunca passavam despercebidos diante de alfaiates, adversários e mulheres.

Acabou de se limpar, fez a barba num instante, untou o queixo às cegas com óleo de Macasar e, a seguir, escolheu a roupa para o seu propósito. Escura, resistente. Vestiu-se de costas para o espelho e ajustou à cintura a proteção que sempre o acompanhava em provações como a que agora antecipava. A sua faca. A sua pistola. Por último, tirou de uma secretária uma pasta atada com fitas vermelhas. E, desta, várias folhas de papel que dobrou sem contemplações e guardou junto ao peito.

Só quando já estava pronto olhou para o grande espelho do roupeiro.

– A tua última partida, camarada – anunciou à sua própria imagem.

Depois, soprou o candeeiro, lançou um grito a Santos Huesos e saiu para o pátio.

– Amanhã, logo de manhã, vais a casa de Dom Elías Andrade e dizes-lhe que fui para onde ele nunca queria que fosse.

– Para onde, Dom Tadeo? – perguntou o chichimeca<sup>2</sup>, desconcertado.

Mas o patrão já começara a andar com passo ligeiro a caminho das cavalariças e o rapaz teve de se apressar para manter o ritmo. A pergunta ficou sem resposta enquanto ia ouvindo as instruções.

– Se a menina Mariana aparecer, nem uma palavra. E, a quem quer que seja que chegue à porta a perguntar por mim, contas qualquer patranha que te venha à cabeça.

O criado estava a ponto de abrir a boca quando o patrão se adiantou:

– E não, desta vez não vais comigo... Acabe como acabar este disparate, só eu vou entrar e sair dele.

Passava das nove e as ruas continuavam a palpar a um ritmo imparável. Montado num dos seus cavalos crioulos, com o rosto quase oculto por baixo do chapéu de aba larga e embuçado numa capa queretana, esforçou-se por evitar os cruzamentos e os caminhos mais buliçosos. Aquele fervilhar de gente era algo que o costumava entreter noutras ocasiões, talvez porque normalmente marcava o prelúdio da sua chegada a uma reunião interessante, a um jantar proveitoso para os seus negócios. A algum encontro com uma mulher. Nessa noite, no entanto, a única coisa por que ansiava era deixar tudo para trás.

Sacana do gringo, resmungou entre dentes esporeando o cavalo. Mas o gringo não tinha culpa, e ele sabia disso. O gringo, antigo militar de engenharia do Exército dos Estados Unidos e puritano até à medula, cumprira as suas responsabilidades e tivera até a decência póstuma de enviar a mulher e a

---

<sup>2</sup> Nome genérico dado a vários grupos étnicos que, ao longo do tempo, foram habitando o norte do atual território mexicano. As primeiras referências a este nome datam do período inicial da conquista espanhola. (N. do T.)

irmã ao México para lhe comunicar o que ele nunca poderia chegar a dizer-lhe, enterrado como estava numa vala comum, com um olho rebentado e o crânio feito em cacos. Porca guerra, malditos negreiros, resmungou outra vez. Como lhe pudera acontecer semelhante cúmulo de incongruências? Como é que a sorte lhe pregara aquela partida? As perguntas moíam-lhe o cérebro enquanto atravessava a trote o negrume da calçada dos Mistérios.

\* \* \*

O ianque chamava-se Thomas Sachs e, apesar do reencontro momentâneo, Mauro Larrea estava consciente de que nunca fora um indesejável, mas sim um metodista cumpridor e rigoroso. Aparecera na sua vida treze meses antes, mandado por um velho amigo de San Luis de Potosí. Chegara quando estava prestes a acabar o pequeno-almoço, quando a casa ainda andava meio desarrumada e dos fundos das cozinhas saíam as vozes das criaditas que picavam cebolas. Santos Huesos acompanhou-o ao escritório e indicou-lhe que esperasse. O gringo esperou de pé, com os olhos no chão, balançando-se.

– Disseram-me que poderia estar interessado em arranjar maquinaria para uma exploração.

Fora este o cumprimento ao vê-lo entrar. Mauro Larrea contemplara-o antes de responder. Robusto, a pele com tendência a ficar vermelha e um espanhol bastante aceitável.

– Depende do que puder oferecer-me.

– Inovadoras máquinas a vapor. Produzidas nas nossas fábricas de Harrisburg, Pensilvânia, pela casa industrial Lyons, Brookman e Sachs. Sob encomenda, segundo as necessidades particulares do comprador.

– Capazes de escoar setecentas varas?

– E até oitocentas e cinquenta.

– Então, quero ouvir o que tem para me dizer.

E ouviu-o. E, enquanto o ouvia, voltou a sentir dentro de si o fervor de algo que estava há anos adormecido. Regressar à velha mina Las Tres Lunas, reativá-la.

O potencial da maquinaria que Sachs lhe pôs à frente dos olhos pareceu-lhe esmagador. Nem os velhos mineiros espanhóis do tempo do vice-reinado, nem os ingleses que se instalaram em Pachaca e Real del Monte, nem os escoceses que se estabeleceram em Oaxaca. Nunca ninguém foi tão longe em todo o México, por isso, soube desde o princípio que aquilo era algo diferente. Gigantesco. Imensamente prometedor.

– Dê-me um dia para pensar.

Recebera-o na manhã seguinte estendendo-lhe a mão de mineiro duro. Da

estirpe que o estrangeiro conhecia bem: a daqueles homens audazes e intuitivos, sabedores de que o seu ofício era uma constante roda de vitórias e quedas. Com uma maneira segura e direta de tomar decisões difíceis, temerárias até; tentando constantemente a sorte e a providência. Homens com um sentido da vida tremendamente pragmático e com uma aguçada inteligência natural, com os quais o gringo estava habituado a entender-se.

– Vamos negociar, meu amigo.

Fecharam o acordo; solicitara as autorizações pertinentes na Junta de Mineração, elaborara um arriscado plano de financiamento que Andrade não parava de reprovar. E, a partir daí, com os prazos combinados de antemão, começara a desembolsar periodicamente elevadas quantias de dinheiro até esgotar todos os seus capitais e todos os seus investimentos. Em contrapartida, era informado de três em três semanas, a partir da Pensilvânia, sobre o avanço do projeto: as complexas máquinas que iam montando, as toneladas de material que se acumulava nos armazéns. As caldeiras, as gruas, os equipamentos auxiliares. Até que deixaram de chegar cartas do Norte.

\* \* \*

Decorrera um ano e um mês entre aqueles dias pejados de ilusões e esta noite, em que, através de caminhos desertos, a sua negra silhueta cavalgava debaixo de um céu sem estrelas à procura de uma solução que lhe permitisse, pelo menos, voltar a respirar.

Começava a despontar a primeira claridade quando se deteve junto de um robusto portão de madeira. Chegava intumescido, com a boca seca e os olhos vermelhos; mal dera respiração à montada e a si mesmo. Ainda assim, desmontou ligeiro. O cavalo, exausto e sedento, dobrou as patas da frente, babando jorros de espuma, e deixou-se cair.

O fim da madrugada recebia-o junto de um horto, no sopé do cerro de San Cristóbal, a dois passos de Mineral de Pachuca. Ninguém o esperava naquela fazenda afastada; quem podia imaginar uma chegada tão fora de horas? No entanto, os cães souberam-no. Pelo ouvido, talvez. Ou pelo cheiro.

Um coro de latidos frenéticos rasgou a paz do alvorecer.

Apenas uns instantes depois, ouviu, do outro lado do muro, o barulho de passos, estalidos e gritos mandando calar os cães. Quando estes acalmaram a sua ferocidade, uma voz jovem e brusca gritou de dentro:

– Quem está aí?

– Venho à procura de Dom Tadeu.

Dois ferrolhos rugosos chiaram ao ser corridos. Pesados, cheios de ferrugem. Começou a ouvir-se, depois, um terceiro. Mas ficou a meio, como

se quem o corria tivesse mudado de ideias no último segundo. Após uns momentos de quietude, ouviu o som de passos a restolharem na terra, afastando-se.

Decorreram três ou quatro minutos até voltar a escutar vida humana no outro lado. Em vez de um indivíduo, eram agora dois.

– Quem está aí?

A pergunta era a mesma, mas a voz era diferente. Apesar de se terem passado mais de três décadas sem a ouvir, Mauro Larrea tê-la-ia reconhecido em qualquer lado.

– Alguém que nunca imaginaste voltar a ver.

O terceiro ferrolho acabou de correr com um rangido oxidado e o portão começou a abrir-se. Os cães, como que fustigados por Belzebu, voltaram a encrespar-se com uivos ferozes. Até que, no meio da barafunda, se ouviu um tiro para o ar. O cavalo, meio adormecido após a galopada através das trevas, ergueu a cabeça e levantou-se de súbito. As sombras dos cães, quatro ou cinco, ossudos e desgrenhados, afastaram-se da entrada arrastando as caudas numa esteira de ganidos lastimosos.

Os homens esperavam-no parados, com as pernas entreabertas. O mais novo, um simples guarda da noite, sustinha a meia altura o trabuco que acabara de disparar. O outro varou-o com os olhos cobertos de ramelas. Atrás de ambos, ao fundo de um amplo terraço, os contornos da casa começavam a recortar-se contra o céu do amanhecer.

Ouve uma tensa troca de olhares entre o homem mais velho e o mineiro. Ali estava Dimas Carrús. Enxuto e triste como sempre, com a barba de pelo menos uma semana, recém-arrancado pelo guarda ao enxergão de palha em que dormia. Do lado direito, caído e colado ao corpo, o braço sem vida que uma tarefa paterna lhe inutilizara na infância.

Olhou o recém-chegado de alto a baixo. Por fim, preparou um arrote na boca e expeliu-o com a consistência de gorgorejo espesso. A seguir, veio a saudação:

– Valha-me Deus, Larrea. Nunca pensei que fosses tão louco a ponto de voltar.

Expirou uma lufada de ar frio.

– Acorda o teu pai, Dimas. Diz-lhe que tenho de conversar com ele.

O homem moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro, mas não era recusa que mostrava, mas sim incredulidade. Por o ver outra vez. Depois de tanto o que choveu.

Começou a andar em direção à casa sem dizer palavra, com o braço hirtos a pender-lhe do ombro como uma enguia morta. Seguiu-o até ao pátio, esmagando as pedras com as botas; depois, ficou à espera, enquanto o herdeiro de

tudo aquilo desaparecia por uma porta lateral. Só estivera uma vez naquela casa, após tudo ter ido ao ar, quando os dias da Real de Catorze já haviam ficado para trás. A propriedade parecia ter mudado pouco, ainda que fosse evidente a desoladora falta de cuidado, apesar da fraca luz. A mesma construção grande, rude, de paredes grossas e pouco requinte. Utensílios sem uso amontoados, desperdícios e restos. Excrementos de animais.

Dimas demorou pouco a aparecer de trás de uma porta diferente.

– Entra e espera. Ouvi-lo-ás chegar.

## Maria Dueñas

(Puertollano, Ciudad Real, 1964)

Depois de duas décadas dedicadas à vida académica, Maria Dueñas, doutorada em Filologia, irrompeu no mundo da literatura em 2009 com «O Tempo entre Costuras» ao que se seguiu «Recomeçar». Ambos os romances converteram-se em enormes êxitos editoriais tendo cativado leitores e críticos de igual forma, com traduções em 35 línguas e mais de 5 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. A adaptação televisiva de «O Tempo entre Costuras» foi um enorme sucesso de audiências e reconhecida com vários galardões.

«As vinhas de La Templanza» é o seu terceiro romance.

[www.mariaduenas.com](http://www.mariaduenas.com)

[www.facebook.com/Maria.Duenas.Oficial](https://www.facebook.com/Maria.Duenas.Oficial)